

## **Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil**

### **Fútbol y Comunicación: la consolidación del campo académico en Brasil**

#### *Soccer and Communication: the consolidation of the academic field in Brazil*

Ronaldo Helal<sup>1</sup>

**Resumo** *O objetivo deste artigo é apresentar, de forma sucinta, o processo do surgimento e a trajetória dos estudos acadêmicos sobre o futebol brasileiro, principalmente os que buscaram – e os que ainda buscam – entender a relação do esporte com questões identitárias e sua relação com o campo da comunicação. Estamos cientes dos riscos que corremos ao fazermos uma seleção das principais obras e debates que contribuíram para o surgimento e consolidação do campo. Toda seleção possui uma dose de “inevitável arbitrariedade”. O fato é que o campo cresceu muito e, por isso, optaremos por apresentar e discutir os trabalhos que consideramos emblemáticos em suas respectivas épocas, bem como aqueles que voltaram suas atenções para o tema “futebol, mídia e nação”.*

**Palavras-chave:** *País do futebol. Estudos acadêmicos sobre futebol no Brasil. Futebol, mídia e nação.*

**Resumen** *El objetivo de este trabajo es presentar, de manera sucinta, el proceso del surgimiento y la trayectoria de los estudios académicos acerca del fútbol brasileño, especialmente aquellos que buscaban – y aún buscan – entender la relación del deporte con las cuestiones de identidad y su relación con el campo de la comunicación. Estamos conscientes de los riesgos que corremos al hacer una selección de las principales obras y debates que*

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/Uerj); pesquisador do CNPq; colíder do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” da FCS/Uerj, autor de diversos trabalhos sobre mídia e esporte, dentre os quais se destacam os livros *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil*; *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações*; e *A Invenção do País do Futebol: Mídia Raça e Idolatria*, estes últimos em coautoria com Hugo Lovisolo e Antonio Jorge Soares. E-mail: rhelal@globo.com

*contribuyeron para el surgimiento y consolidación del campo. Toda selección contiene una dosis de “inevitable arbitrariedad”. El hecho es que el campo creció sustancialmente y, por eso, vamos a optar por presentar y discutir los trabajos que consideramos más emblemáticos en sus respectivas épocas, así como aquellos que dirigieron sus atenciones al tema “fútbol, medios de comunicación y nación”.*

**Palabras-clave:** *El país del fútbol. Estudios académicos sobre el fútbol en Brasil. Fútbol, medios de comunicación y nación.*

**Abstract** *The aim of this paper is to present briefly the process of the emergence and trajectory of academic studies about Brazilian soccer, especially those that sought - and still seek - to understand the relationship of sport with identity issues and their relationship with the field of communication. We are aware of the risks we take in making a selection of major works and debates that contributed to the emergence and consolidation of the field. Every selection has always a dose of “unavoidable arbitrariness”. The fact is that the field has grown substantially and, therefore, we will choose to present and discuss the works that we consider emblematic in their respective times, as well as those that turned their attention to the theme “soccer, media and nation”.*

**Keywords:** *The soccer country. Academic studies about Brazilian soccer. Soccer, media and nation.*

---

Data de submissão: 10/03/2011

Data de aceite: 25/03/2011

## O descaso das ciências sociais

O futebol no “País do Futebol” levou certo tempo para chamar a atenção da academia. O antropólogo e professor de Comunicação Social, José Carlos Rodrigues, afirmou, por exemplo, logo no início de artigo publicado em 1978, o seguinte: “É tão sensível a importância atribuída a esse esporte em nossos cotidianos, que um forte contraste se estabelece de imediato entre essa relevância e o descaso a que ainda o têm relegado os nossos cientistas sociais”.<sup>2</sup> O artigo de Rodrigues fazia análise crítica, utilizando-se de instrumentos teóricos da antropologia – principalmente aqueles que dizem respeito aos rituais –, do jogo de despedida de Pelé da Seleção Brasileira de futebol em 1971. O tal “descaso” das ciências sociais com o futebol no país dava margem para que Rodrigues afirmasse, no mesmo parágrafo, que ele (o descaso) seria “por si só um assunto revelador no campo da sociologia da ciência e das relações entre saber e poder no Brasil” (1992, p. 75).

O Brasil mudou muito desde então. Tivemos o processo de abertura política, fim do regime militar, clamor pelas eleições diretas, ressurgimento e consolidação da democracia, estabilização da moeda e, por fim, mas não menos importante, a constituição da literatura acadêmica sobre o futebol no Brasil. As relações entre saber e poder no Brasil se modificaram principalmente com o fim da censura.

O objetivo deste artigo é apresentar, de forma sucinta, o processo do surgimento e a trajetória dos estudos acadêmicos sobre o futebol brasileiro, principalmente os que buscaram – e os que ainda buscam – entender a relação do esporte com questões identitárias e sua relação com o campo da comunicação. Estamos cientes dos riscos que corremos ao fazermos uma seleção das principais obras e debates que contribuíram para o surgimento e consolidação do campo. Toda seleção possui uma dose de “inevitável arbitrariedade”. O fato é que o campo cresceu muito,

<sup>2</sup> Artigo publicado originalmente na *Revista Comum*, Rio de Janeiro, Facha, 1978. Ele foi republicado em Rodrigues (1992).

e, por isso, optaremos por apresentar e discutir os trabalhos que consideramos emblemáticos em suas respectivas épocas, bem como aqueles que voltaram suas atenções para o tema “futebol, mídia e nação”. Ou seja, os trabalhos que, no nosso entender, foram fundamentais para a constituição do campo.

### **O surgimento do campo e a perspectiva apocalíptica**

A literatura acadêmica sobre o futebol brasileiro começou a se constituir alguns anos após o livro *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, organizado por Roberto DaMatta e publicado em 1982. Até aquele momento, os estudos eram escassos e havia tendência a se utilizar perspectiva “apocalíptica”, nos termos de Eco (1979), influenciada pelo marxismo, que considerava o futebol variante do ópio dos povos, poderosa força de alienação dos dominados.

O trabalho de Ramos (1984), *Futebol: Ideologia do Poder*, seria o exemplo mais emblemático dessa perspectiva. O autor utiliza um livro de Louis Althusser, *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, que, durante certo tempo – década de 1970 – fez muito sucesso no Brasil, principalmente nas escolas de Comunicação. O esquema althusseriano era útil, na época, para se compreender o poder dos regimes totalitários e a falta de “consciência de classes” do operariado. Lembremos que para a teoria marxista, o operariado tinha papel fundamental, quase “messiânico” na revolução socialista/comunista, que acabaria com o capitalismo. No entanto, apesar de Marx falar em inexorabilidade da derrota do capitalismo e “motor da história”, o operariado deveria adquirir o que se denominou chamar de “consciência de classe” – tema que foi motivo de muitas críticas e debates no meio acadêmico marxista e não marxista.<sup>3</sup> O

<sup>3</sup> Ver *O Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels (1997), para análise detalhada dos principais pontos do marxismo. Ver *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Max Weber (2002), para uma crítica ao marxismo e a explicação da sociedade a partir da estrutura econômica, ainda que o autor não cite Marx uma vez sequer, e o artigo do mesmo autor, *Classe, Estamento, Partido*, para uma crítica sobre a complexidade do conceito “classe social” (1979).

fato é que o capitalismo perdurou por muito mais tempo do que previam os marxistas, e o operariado não tinha adquirido a tal “consciência de classe”. Como explicar a falta dessa “consciência”?

No esquema althusseriano, a escola seria a principal vilã – o correspondente do que teria sido a Igreja na Idade Média. Claro que Althusser se baseava no sistema educacional da Europa. No caso brasileiro e latino-americano, os meios de comunicação foram apontados como o principal aparelho ideológico.<sup>4</sup> Já para Ramos, o futebol seria um dos aparelhos ideológicos do Estado que contribuiriam para a perpetuação do regime, desestabilizando as “contradições do capitalismo”, impedindo a consciência crítica e “docilizando” as massas. Assim, junto com os meios de comunicação de massa, o futebol seria um desses aparelhos ideológicos mais eficazes do poder.

Além de Ramos, o próprio artigo de Rodrigues (1978, 1992), anteriormente citado, pode ser visto como exemplo da visão “apocalíptica” do papel do futebol no país. Ao analisar detalhadamente o “ritual” da partida de despedida de Pelé da Seleção Brasileira, utilizando narrativas no material jornalístico, Rodrigues diz que a festa foi “conotativamente um discurso sobre a sociedade” (1992, p. 87). Discurso que induzia ao raciocínio de que a sociedade brasileira seria democrática, livre, sem problemas raciais, lugar onde as regras do jogo seriam as mesmas para todos, com as mesmas oportunidades e obstáculos, sem distinção de classe e cor. Recordemo-nos de que o país vivia, naquele período, sob as regras do regime militar. Rodrigues afirma ainda, ao final do artigo, que o ritual de despedida da partida de Pelé da Seleção Brasileira “tratou-se, na realidade, de minuciosa obra de arquitetura, de cálculo e de engenharia comunicacional e política” (1992, p. 88).

Ainda que datado, “filho” de conjuntura política de repressão política, na qual o “inimigo” era visível e notório, talvez o maior mérito do artigo de Rodrigues – entre outros – seja possuir certa atemporalidade, no sentido de indicar caminhos para se estudar “ritos esportivos” como “me-

<sup>4</sup> Ver Dorfman e Mattelart (1980).

talinguagens”, independentemente da conjuntura política do momento, entendendo o esporte como “drama” da vida social, corrente acadêmica que marcará a virada argumentativa dos então escassos estudos sobre o futebol no país, a partir de 1982, com o livro organizado por Roberto DaMatta, *Universo do Futebol*, o qual analisaremos adiante.

Em concordância com o clima da época de início de “abertura política” no país, encontramos em um mesmo periódico – *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 5 –, dois artigos que também poderiam ser encaixados sob a rubrica “apocalípticos”. Joel Rufino dos Santos, em *Na CBD até o Papagaio Bate Continência*, inicia sua análise criticando o descaso dos estudos acadêmicos sobre o futebol: “Os estrangeiros se surpreendem que no ‘país do futebol’ não se haja escrito uma única história do futebol” (SANTOS, 1978, pp. 119-120). Seu ensaio fala da “militarização” da Seleção Brasileira de futebol, da falta de negros na equipe, da “decadência” do nosso futebol, porém apostando, de maneira otimista, que o suposto declínio desse esporte no país estaria com os dias contados: “Olhando para trás, a decadência de hoje não vai passar de uma crise” (SANTOS, 1978, p. 128).<sup>5</sup>

Jacob Klintowitz, em *A implantação de um Modelo Alienígena Exótico e Outras Questões Pertinentes: a Seleção Brasileira de Futebol – 1978*, na mesma revista, afirma que *foi adotada na seleção-78 uma linha expressiva não brasileira* (KLINTOWITZ, 1978, p. 115). O autor, tal como Santos, “denuncia” a “militarização” da Seleção, critica o excesso de “obediência”, a falta de “dribles” e a “linguagem tecnocrata”. Diferentemente de Santos, no entanto, o artigo de Klintowitz não aposta em dias melhores e termina com tom apocalíptico.

Muniz Sodré, em *O Monopólio da Fala*, publicado originalmente em 1977, que pode ser considerado hoje um dos clássicos para a fundação de uma Teoria da Comunicação no país, dedica o último capítulo ao futebol. O capítulo se intitula *Futebol, Teatro ou Televisão?*. O próprio

<sup>5</sup> Santos viria ainda a publicar, em 1981, *História Política do Futebol Brasileiro*, dentro da coleção *Tudo é História*, da Editora Brasiliense. O tom crítico, baseado na tradição marxista, permeia todo esse trabalho que, ainda assim, aponta para a importância de se estudar o tema no país, não qualificando o objeto simplesmente como “ópio do povo”.

título do livro de Sodré poderia, por si só, colocá-lo embaixo da rubrica “apocalípticos”. O artigo, no entanto, apresenta algumas passagens que classificariamos como “otimistas”, quando, por exemplo, fala da participação do torcedor no “espetáculo”: “A torcida (...) faz parte necessária do show” (SODRÉ, 1984, p. 141). E também quando afirma que seria “um grande erro supor que a complexidade do futebol brasileiro possa cingir-se à conceituação de um ‘aparelho esportivo’, algo capaz de reproduzir o tempo todo, de modo reflexivo, a ideologia ou o sistema de relações do poder dominante” (SODRÉ, 1984, p. 152). A expressão “aparelho esportivo” é clara menção ao texto de Althusser, citado por nós na apresentação do trabalho de Ramos (1984). Ao mesmo tempo, Sodré “denuncia” a relação “feudal” entre clube e jogador, criticando o que era conhecido como “Lei do Passe”.

As críticas e os argumentos contidos nesses trabalhos, ainda que alguns pareçam piegas ao olhar da contemporaneidade, faziam sentido para a época em que foram escritos, além de terem contribuído, de uma forma ou de outra, para o surgimento do campo acadêmico. Destaque-mos que o texto de Sodré (1984) mencionado acima talvez tenha sido a primeira análise acadêmica sobre o futebol inserida mais clara e assumidamente dentro da área da Teoria da Comunicação.<sup>6</sup>

## **O futebol como “drama” da vida social brasileira**

Mais adiante, a perspectiva que denominamos aqui como “apocalíptica” deu lugar a outra, “marcada pela antropologia e a história, sobretudo por suas aproximações metodológicas, que pretendeu entender o fenômeno esportivo sob a perspectiva dos de dentro, dos nativos, dos

<sup>6</sup> O artigo de Rodrigues (1992), mencionado anteriormente, ainda que possamos inseri-lo dentro de uma perspectiva comunicacional, pois se utiliza de análise de material jornalístico, estaria mais voltado conceitualmente para o campo da antropologia. Vale aqui menção ao artigo de Anatol Rosenfeld, *O futebol no Brasil*, publicado na revista *Argumento*, ano 1, número 4, de 1974. Rosenfeld era alemão, escritor e crítico de teatro, e viveu muitos anos no Brasil. O artigo tinha sido publicado originalmente em alemão, em 1956. Ele é citado em alguns trabalhos no início do surgimento do campo.

que sentem paixão ou amor pelo esporte” (LOVISOLO, 2002). E, nessa virada, os trabalhos de DaMatta em *Carnavais, Malandros e Heróis e em Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira* foram preponderantes. Ainda naquele período, como dissemos anteriormente, era comum que os escritos sobre a temática lamentassem o descaso das ciências sociais sobre um fenômeno tão abrangente no país.<sup>7</sup> Passadas quase três décadas desde a publicação da obra supracitada, o descaso inexistente, e hoje proliferaram estudos e grupos de trabalhos em congressos científicos que tratam do tema.<sup>8</sup>

O livro *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, organizado por Roberto DaMatta e publicado em 1982, reuniu artigos de quatro cientistas sociais, incluindo o próprio DaMatta. A obra, editada pela Pinakothek, possui um acabamento refinado para os padrões editoriais brasileiros, com capa dura e ilustrada por gravuras de diversos artistas brasileiros. Ela é considerada o “pontapé inicial” para a formação estrutural dos estudos acadêmicos sobre o futebol no país, utilizando perspectiva ritualística, procurando entender o fenômeno como “drama” da sociedade brasileira. Além de DaMatta, os outros autores são Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel.

O próprio DaMatta abre a coletânea com *Esporte na Sociedade: um Ensaio Sobre o Futebol Brasileiro*. O autor deixa claro, logo no início do artigo, que utilizaria o futebol para entender a sociedade brasileira, ou seja, como um meio para se entender o Brasil e não como fim em si mesmo: “É parte do meu entendimento que quando eu ganho uma certa compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, aumento simultaneamente minhas possibilidades de melhor interpretar a sociedade brasileira” (DAMATTA, 1982, p. 21). Após criticar a tese do “futebol como ópio do povo” (sem citar os autores que assim o entendiam), DaMatta passa a “reivindicar” uma “sociologia do esporte” no país e a elaborar questões

<sup>7</sup> O próprio DaMatta faz essa alusão na introdução do livro.

<sup>8</sup> Uma das demonstrações de crescimento do campo no país se verifica na criação e expansão de grupos de trabalho e núcleos de pesquisa sobre o fenômeno esportivo em congressos científicos como, por exemplo, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – Anpocs, Associação Brasileira de Antropologia – ABA, Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS, entre outros.



sobre as dramatizações do futebol no Brasil – a questão do destino em oposição à biografia e o problema das regras universais em oposição ao desejo de grupos e indivíduos. Utilizando a tese defendida em *Carnavais, Malandros e Heróis*, de que a raiz do dilema brasileiro estaria centrada em uma tensão entre códigos pessoais e impessoais, o autor defende a hipótese do futebol como “drama da vida social, como um modo privilegiado de situar um conjunto de problemas significativos da sociedade brasileira”, e conclui apostando que “o futebol seria popular no Brasil porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alterando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos” (DAMATTA, 1982, p. 40).

O segundo artigo da coletânea,<sup>9</sup> de autoria de Luiz Felipe Baêta Neves Flores, analisa mensagens oriundas do futebol, que se relacionariam com o que ele chamou de a) ideologia da permanência e b) ideologia da transformação social. Assim, o autor analisa a mobilidade social por meio do esporte e a identificação dos fãs com os ídolos do esporte, a questão do tempo e espaço do “jogo de futebol” como fatores predeterminados, a ideologia política – como o nacionalismo e o populismo, por exemplo –, que surge do futebol, os símbolos criados pelas torcidas, o elemento lúdico do “drible” e as vaías, entre outros temas. O artigo se encaixaria no campo de estudos denominado de “representações sociais”. Neves Flores conclui afirmando que o futebol é “um universo em aberto, onde as linhas gerais de uma ideologia crítica da sociedade, de uma possível transformação parecem estar ancoradas na torcida em sua ampla variedade de representações” (NEVES FLORES, 1982, p. 57).

Simoni Lahud Guedes, em *Subúrbio: Celeiro de Craques*, inicia com a, na época costumeira, crítica ao “descaso” das ciências sociais em relação ao fenômeno. A partir daí, Guedes apresenta o resultado de sua pesquisa com operários de fábrica têxtil do Rio de Janeiro, em relação ao que ela denominou de “carreira do jogador de futebol frustrado”. A autora mostra como o sonho de ser jogador de futebol de sucesso é alimen-

<sup>9</sup> Trata-se do artigo “Na Zona do Agrião: Sobre Mensagens Ideológicas do Futebol”.

tado pelos meios de comunicação de massa, que difundem a história de vida dos maiores astros do esporte. Guedes analisa também o momento em que o “sonhador” desiste do sonho depois de sucessivas chances e treinos, e de como esse momento é, na verdade, processo longo e dramático. Por fim, a autora analisa o período em que “o sonho acaba, mas a brincadeira recomeça” (GUEDES, 1982, p. 71). O período é caracterizado pelas conhecidas “peladas”, momento em que o futebol “torna-se de novo importante como uma forma de sociabilidade na vizinhança e passa a compor, junto com o samba, a cerveja e as comidas antes proibidas (...) as ‘festividades’ locais (GUEDES, 1982, p. 71). Cabe destacar que entre os autores da coletânea, Guedes foi e continua sendo a única que continuou realizando pesquisas sobre futebol.<sup>10</sup>

Arno Vogel, em seu *O momento Feliz: Reflexões Sobre o Futebol e o Ethos Nacional*, inicia com crítica à tese do futebol como “ópio do povo”. Talvez fosse a senha para a entrada do futebol no rol dos estudos acadêmicos, principalmente para a noção de esporte como “drama” da vida social. Seu artigo trata de analisar dois momentos considerados emblemáticos na história do futebol brasileiro: a derrota na final da Copa de 1950 e o tricampeonato em 1970. É muito provável que Vogel não se desse conta quando escrevia seu artigo que estava inaugurando uma “tradição” de trabalhos voltados para a relação entre futebol e identidade nacional no país. Após análise detalhada das “celebrações” da derrota em 1950 e da vitória em 1970, Vogel afirma ao final de seu trabalho que “a tragédia do Maracanã foi tão importante para a construção da nossa identidade quanto a glória no México”.<sup>11</sup>

Em suma, os quatro artigos do *Universo do Futebol* contribuíram significativamente para o início da construção estrutural do campo acadêmico sobre o futebol no país, em um momento em que o Brasil

<sup>10</sup> Dentro da temática “carreira de jogador de futebol”, abordada por Guedes, é importante ressaltar também o trabalho de Benzaquen de Araújo, *Os Gênios da Pelota – Um Estudo do Futebol como Profissão*, dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ, em 1980.

<sup>11</sup> Vale destacar aqui o livro de Paulo Perdigão, *Anatomia de uma Derrota*, Porto Alegre, L&PM, 1986. O livro reproduz o jogo final entre Brasil e Uruguai em 1950, minuto a minuto, por meio de minuciosa pesquisa nas transmissões de rádio da época.

iniciava sua jornada rumo ao regime democrático. O tom ensaístico, sem pesquisa empírica – exceto o trabalho de Guedes –, se justifica pela quase ausência de estudos no campo à época. A ideia de se estudar o futebol como “drama” da vida social “vingou”, e marca o início dos estudos acadêmicos sobre o tema, em contraste com a perspectiva “apocalíptica” de antes.

Alguns anos após a publicação da obra citada foi fundado – em 1990 – o Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por Mauricio Murad. Consideramos a fundação muito importante para se consolidar o campo, pois o Núcleo, além de agregar diversos pesquisadores das universidades em encontros e eventos, criou e publicou, durante a década de 1990, a revista *Pesquisa de Campo*, com o objetivo de difundir os trabalhos acadêmicos sobre futebol.<sup>12</sup> Muitos pesquisadores que realizavam pesquisas isoladas sobre o fenômeno futebolístico no país encontraram na revista um lugar de divulgação e de intercâmbio de pesquisas e reflexões.

### **A questão futebol e nação brasileira: o debate em torno do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho**

Quando o campo já se reconhecia e era reconhecido por outras áreas como “campo” surge um debate crítico sobre a validade de testemunho histórico do livro do jornalista Mário Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*. Debate estreitamente relacionado à questão futebol e identidade nacional. O ponto de partida para a discussão foi o fato de que os pesquisadores da década de 1980 até meados da década de 1990 sempre que tratavam de estudar o futebol brasileiro sob o ponto de vista histó-

<sup>12</sup> Os trabalhos de Guedes (1977), Lever, (1983), Benzaquen de Araújo (1980), Leite Lopes (1994), Caldas (1990), Helal (1990), Witter (1990), Meihy e Witter (1982) e, mais adiante, Murad (1996 e 2007), Toledo (1996, 2000 e 2002), Guedes (1998) Helal (1997) Helal, Soares e Lovisolo (2001), Helal, Lovisolo e Soares (2011), Gordon e Helal (2002), Soares (1994, 1998, 1999 e 2001), Soares e Santoro (2009) Lovisolo (2001 e 2002), Pereira (2000) Proni (2000), Damo (2002 e 2007), Florenzano (1998 e 2009), Antunes (2004), Holanda (2004), Marques (2007), Marques, Carvalho e Camargo (2005), Mello (2009) Gastaldo (2002), Gastaldo e Guedes (2006), entre vários outros, foram também cruciais para dar estatuto de seriedade acadêmica ao tema.

rico buscavam no livro de Mário Filho as fontes para suas análises. O que, de certa forma, não se constituiria para nós exatamente um problema, tendo em vista, principalmente, o início da consolidação de um campo de estudos, período em que a difusão de trabalhos torna-se mais imperiosa e que, por conta disso, minimizam-se e perdoam-se alguns “equivocos”. Porém, concordamos que em algum momento era necessário “provocar” e/ou “sacudir” o campo, ainda que recém-nascido. Sobre esse momento inicial, por exemplo, Hugo Lovisolo (2002, p. 4) faz o seguinte comentário crítico:

Ao invés de alienação e controle, as palavras-chaves passam a ser singularidade, identidade, emoção, criatividade, estilo, imaginação e outras da mesma matriz. A importância que ganhou a discussão dos estilos nacionais aparece como exemplar metonímico do conjunto das mudanças. O futebol passou a ser exaltado por popular, participativo e enquanto expressão autêntica da cultura ou ser nacional. (...) Os autores que trabalham nesta perspectiva se situam dentro de seus efeitos, sobretudo com sentimentos e emoções positivas em relação ao esporte que retomam e expressam os sentimentos populares e nacionais (LOVISOLO, 2002, p. 4).

Esta perspectiva, denominada de “romântica” por Lovisolo, sofreu críticas severas e detalhadas de Antonio Jorge Gonçalves Soares (1998, 1999, 2001), que, em análise sobre os trabalhos acadêmicos que se nutriam de forma acrítica do livro de Mário Filho,<sup>13</sup> fonte inspiradora dos “românticos”, iniciou polêmica que fez o campo avançar analiticamente nas formas de se estudar os processos de construção do “nacional” por meio do futebol.

A crítica detalhada de Soares está em *Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: Releitura da História Oficial* –, sua tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade

<sup>13</sup> Ver Soares (1998) e Soares *in* Helal, Soares e Lovisolo (2001).

Gama Filho, 1998. A tese foi orientada por Hugo Lovisoló, por isso podemos considerá-lo também um dos mentores do debate. Tivemos a honra de participar da banca de defesa e, a partir daí, iniciamos uma série de discussões acadêmicas que culminou no debate que apresentamos a seguir. Registremos também a coincidência (teria sido mesmo uma coincidência?) da fundação no mesmo ano – 1998 – do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”, da Uerj, cadastrado no CNPq e do qual sou colíder, junto com Hugo Lovisoló. Ou seja, o grupo já surge com o debate. Vamos então a ele.

Para Soares, o livro do jornalista Mário Filho não deveria ser considerado fonte fidedigna da história, mas romance jornalístico. Tendo como referência teórica o trabalho de Wladimir Propp (1984), Soares demonstra que na obra de Mário Filho “constrói-se” narrativa mítica em torno do “herói negro” que, com seu estilo, teria marcado peremptoriamente nosso futebol. Soares observa ainda que Mário Filho introduziria modificações na segunda edição de 1964, apesar de escrever no prefácio que teria mantido o texto na íntegra, apenas incluindo dois novos capítulos, atualizando a narrativa. Soares mostra que trechos sobre o “poder democrático do futebol e o fim do racismo foram suprimidos na segunda edição (...)”, e que “as supressões dos textos, que indicam a realização da democracia racial na primeira edição,<sup>14</sup> poderiam ser interpretadas como releitura de Mário Filho sobre o racismo brasileiro” (SOARES, 2001, p. 23). A partir de análise minuciosa do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, nas suas duas edições, Soares conclui que o mesmo deve ser apreendido pelas ciências sociais como “romance de tipo realista que pode fornecer o clima ou certa visão da sociedade traduzida em termos de arte” (SOARES, 2001, p. 45). Porém, ele insiste na necessidade imperiosa de os pesquisadores acadêmicos buscarem outros documentos e fontes primárias, para se evitar a promoção de “discurso romântico de construção de nação” (SOARES, 2001, p. 45).

<sup>14</sup> A primeira edição é de 1947, portanto anterior à derrota da Seleção Brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 e à conquista do bicampeonato em 1962. A análise comparativa que Soares faz da obra de Mário Filho em suas duas edições pode ser considerada inédita e pioneira.

Além disso, Soares aponta para a necessidade de se contextualizar o período em que a obra foi escrita:

(...) a utilização acrítica de dados e interpretações do NFB faz com que os ‘novos narradores’<sup>15</sup> acabem por incorporar o viés nacionalista que inspirou Mário Filho, embora desejem atacar a democracia racial e acentuar o racismo ou a segregação na sociedade brasileira (SOARES, 2001, p. 15).

Helal e Gordon (1999, 2001) não discordam do fato apontado por Soares de que o livro de Mário Filho teria “construído” uma narrativa mítica do futebol brasileiro. No entanto, esses autores questionam a “dureza” no tratamento dado por Soares ao valor de “testemunho histórico” da obra. Além disso, Helal e Gordon partem do princípio de que as dramatizações de um fato são, do ponto de vista sociológico ou da teoria da comunicação, frequentemente mais relevantes do que o “fato em si”, na compreensão da produção de sentidos oriundos das narrativas jornalísticas.<sup>16</sup> Compartilham com Orlandi (2003, p. 13), no sentido de que não estão pensando “a história dos fatos, e sim o processo simbólico, no qual, em grande medida, nem sempre é a razão que conta: inconsciente e ideologia aí significam. Não é a cultura ou a história factuais, mas a das lendas, dos mitos, da relação com a linguagem e com os sentidos”. Assim, eles questionam:

(...) a ‘versão oficial’ da trajetória do negro neste esporte tal qual narrada por Mário Filho, isto é, dentro da moldura integracionista da democracia racial brasileira, não estaria revelando alguma coisa do sentimento de ser brasileiro? Não seria interessante procurar investigar por que o mito da democracia racial, da mistura como valor, tem uma eficácia tão grande? (HELAL; GORDON, 2001, p. 68)

<sup>15</sup> NFB, leia-se *O Negro no Futebol Brasileiro*. “Novos narradores” foi a forma que Soares denominou os pesquisadores que se nutriam do livro do jornalista de forma acrítica. Eram eles, principalmente, José Sérgio Leite Lopes, Maurício Murad e Cesar Gordon Junior.

<sup>16</sup> A esse respeito ver Bird, Elisabeth S. e Dardenne, Robert W. in Traquina, Nelson (1999) e Mariani, Bethânia S. Corrêa in Orlandi, Eni Puccinelli (2003). Aliás, as duas coletâneas são extremamente relevantes para os estudos sobre o papel das narrativas jornalísticas na “construção” das identidades locais e nacionais. Mais recentemente ver também Sodré, Muniz (2009).

E ainda:

Restaria perguntar se todas as histórias oficiais sobre formação de identidades nacionais não seriam, de fato, construções que, mesmo que incentivadas por uma elite, só fazem sentido, só se tornam oficiais, quando ‘colam’ com os anseios da população (...). Não existiria uma relação dialética entre elite (discurso erudito) e povo (discurso popular)? O que percebemos, enfim, é que essas essencializações, das quais a construção de uma identidade nacional faz parte, são eficazes, possuem ‘materialidade’, mesmo sendo simbólicas (...). (HELAL; GORDON, 2001, p. 69)

Lovisoló (2001, p. 78), ao comentar brevemente esse debate, diz que apesar de reconhecer no jornalismo “fonte de conhecimento empírico e compreensão de processos”, entende que a história e as sociologias dos esportes não podem se reduzir a dizer em linguagem sociológica (...) o dito pelos jornalistas naquela linguagem que é dirigida à emoção e imaginação dos amantes dos esportes, atletas e torcedores”. E, de forma mais contundente, sentencia que “uma das fontes da ‘crise’ das ciências sociais talvez esteja em que se produzem muitos trabalhos de difícil distinção das matérias jornalísticas”. (LOVISOLÓ, 2001, p. 78)

O debate foi publicado originalmente na revista *Estudos Históricas*, número 23, da Fundação Getúlio Vargas, em 1999 e, mais adiante, no livro *A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*, organizado justamente por Helal, Soares e Lovisoló, pela Editora Mauad em 2001, com segunda reimpressão em 2007. A discussão teve expressiva repercussão nos estudos acadêmicos que lidavam com a historiografia do futebol brasileiro. A repercussão evidenciava-se nos debates travados no grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”, da Uerj, liderado por Helal e Lovisoló, no então recém-criado (2002) grupo de trabalho “Esporte, Política e Cultura”, da Anpocs,<sup>17</sup> e no cuidado que os pes-

<sup>17</sup> O GT foi reestruturado e hoje se chama “Esporte e Sociedade”. Atualmente está sob a coordenação de Arlei Damo e Jorge Ventura.

quisadores passaram a ter ao lidar com o livro de Mário Filho. Inclusive, na quarta edição do livro de Mário Filho, editada pela Mauad em 2003, o cientista político Luis Fernandes, que assina o prefácio, faz menção a uma das críticas de Soares publicada no livro *A Invenção do País do Futebol*.

Resumidamente, podemos dizer que o debate tratava, em última instância, das formas de se entender os mecanismos utilizados por agentes sociais (da imprensa, do meio acadêmico, da política) para integrar o país utilizando a força aglutinadora do futebol, principalmente da Seleção Brasileira e, ainda mais especificamente, das atuações da Seleção em períodos de Copas do Mundo. Concordamos com Lovisollo que o material jornalístico deve ser utilizado como objeto de estudo, de análise crítica das narrativas, e não simplesmente ser reproduzido em outra linguagem.

Nesse processo evidencia-se a necessidade de se entender como os recursos acionados por agentes sociais foram eficazes na “construção” de uma identidade nacional por meio do futebol. Ao formular questões relativas às narrativas jornalísticas sobre formação de identidades, torna-se crucial procurar entender o processo de constituição de determinada “construção”. O trabalho de Pereira (2000), por exemplo, mesmo concentrando-se no futebol do Rio de Janeiro e abrangendo somente o período entre 1902 e 1938, caminha nessa direção, assim como os artigos publicados na seção “futebol”, dirigida por Lovisollo, na revista eletrônica *Polêmica/Imagem*, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Passado o momento de se olhar acriticamente uma única fonte de dados – o livro de Mário Filho –, os estudos sobre questões identitárias por meio do esporte passaram a tratar de forma mais cuidadosa e crítica as fontes, incluindo não somente o livro de Mário Filho, mas também o material jornalístico de diversos períodos e até anúncios publicitários.<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Ver Helal e Vieira (2011) para análise que busca contribuir para o debate em torno do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, confrontando o relato de Mário Filho sobre determinada partida ocorrida em 1923, com jornais da época. Sobre anúncios publicitários em períodos de Copa do Mundo, ver Gastado (2002). E ainda, para análises sobre recepção e futebol, ver os trabalhos de Gastaldo (2005, 2006A e B e 2009).



## O País do Futebol. O País do Futebol?

Por ocasião do lançamento do livro *A Invenção do País do Futebol*, citado anteriormente, os autores deram entrevista ao jornal *O Globo* (01/10/2000), e em determinado momento Lovisoló, ao ser perguntado pelo repórter sobre os impactos da derrota do futebol brasileiro nas Olimpíadas de então, respondeu direta e enfaticamente: “Nenhum. O orgulho nacional não sofre mais com as derrotas. Há uma diversificação de interesses em outras modalidades de esporte e lazer, o futebol já não tem tanto peso”. E concluiu: “A pátria calça chuteiras cada vez menores”, em alusão a uma famosa imagem brasileira, a *pátria de chuteiras*, cunhada pelo dramaturgo e escritor brasileiro Nelson Rodrigues para expressar a relação que sempre percebemos entre a identidade nacional brasileira e Seleção Nacional de futebol. Chamou-nos a atenção tanto quanto a afirmação de Lovisoló o que o editor fez com ela, colocando-a no título da matéria: “A Pátria calça chuteiras cada vez menores” (*O Globo*, 01/10/2000 – seção de Esportes). Ora, à parte certo radicalismo, a frase não é delírio, e talvez estivesse expressando, de fato, sentimento ou “clima” que se começou a divisar no fim do século. Se compararmos a situação atual com a forte carga emocional expressa na derrota na Copa de 1950, por exemplo, ou no tricampeonato em 1970, podemos mesmo especular sobre o fato de estarmos assistindo a um declínio no interesse pelo futebol. Hoje, portanto, ao contrário de décadas atrás, seria lícito perguntar, afinal, se o Brasil está deixando de ser o país do futebol.

O fato é que a partir desse momento, alguns pesquisadores do grupo de pesquisa Esporte e Cultura, da Uerj, começaram a focar seus estudos na direção do suposto declínio do “país do futebol” ou da “pátria de chuteiras”.<sup>19</sup> Gostaríamos então de apresentar, sucintamente, algumas reflexões, cientes, uma vez mais, do recorte arbitrário que estamos fazendo

<sup>19</sup> Ver Helal e Soares (2004), Gordon e Helal (2002) e Helal, Cabo e Silva (2009), por exemplo. Ver também Gastaldo (2006B) sobre as representações da Seleção Brasileira em jornais do Rio Grande do Sul durante a Copa do Mundo de 2002.

ao privilegiar os trabalhos do referido grupo. Acreditamos, no entanto, que o recorte toca em ponto basilar para as reflexões em torno da equação “futebol-nação brasileira”.

Desde que chegou ao país, o futebol passou por um processo de incorporação cultural, até se constituir no que chamamos de “paixão nacional”, como se afirmássemos que o nosso futebol é o melhor do mundo e o Brasil é o lugar onde mais se ama e se entende do assunto. Isso está sintetizado no epíteto “Brasil, país do futebol” que, em períodos de Copas do Mundo, ganha dimensão mais intensa. Porém, mesmo aqui, as narrativas jornalísticas em torno da Seleção já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nossa nação. A derrota na final para o Uruguai em 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 foram sentidas como derrota e vitória de projetos de nação brasileira.<sup>20</sup> Já as vitórias em 1994 e 2002, e a derrota na final para a França em 1998 – e as derrotas em 2006 e 2010 – não transcenderam o terreno esportivo e foram comemoradas e sofridas como vitórias e derrotas esportivas. Claro que a Copa do Mundo possui estrutura narrativa que estimula os nacionalismos. O encanto dessa competição encontra-se justamente no fato de acreditarmos que as nações estão representadas por 11 jogadores. O futebol não é a nação, mas a crença de que ele o é move as paixões durante um Mundial. Mas ao compararmos a situação atual com a carga emocional de 1950 e 1970 especulamos sobre a possibilidade de se estar assistindo ao declínio do interesse pelo futebol como emblema de nação. Mas, afinal, por que dissemos que o Brasil é o país do futebol?

O “país do futebol” foi uma “construção” social realizada por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do “estado-nação”, acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade. Foi, de fato, a partir dos anos 1930 que se apresentaram novas formas de conceituar o país. Se antes, pelas lentes de um acadêmico como Oliveira Vianna, por exemplo, a miscigenação racial era vista como uma explicação para o “atraso” do país, a partir da obra clássica de Gilberto Freyre, *Casa*

<sup>20</sup> Ver, por exemplo, DaMatta (1982) e Vogel (1982).

*Grande e Senzala*, a mistura passa a ser entendida como valor positivo e força maior da população brasileira. Dentro do projeto nacionalista e integracionista do Estado Novo, essa forma de entender a cultura se consolida no país. Mário Filho, um dos fundadores do jornalismo esportivo no Brasil, foi fundamental para a utilização do futebol como meio de se “construir” uma ideia de nação brasileira. Mário Filho era amigo de Gilberto Freyre, que prefaciou sua obra mais conhecida, *O Negro no Futebol Brasileiro*, na qual a junção do futebol com a nação se torna mais evidente. Freyre, por sua vez, escreve em sua coluna no *Diário de Pernambuco*, do dia 18 de junho de 1938, *Foot-ball Mulato*, artigo que se tornou fundamental para a simbologia do futebol. Nesse artigo, Freyre louva a miscigenação racial e afirma que ela funda certo estilo de jogo que seria típico do Brasil – uma “dança dionisíaca”, o que tempos depois se convencionou chamar de “futebol-arte”. Freyre e Filho foram agentes fundamentais do sucesso da “construção” do “país do futebol”.

O “país do futebol” não é realidade natural, mas uma construção realizada por agentes – da imprensa, do meio acadêmico e da política – em determinado momento histórico. Dissemos que somos o “país do futebol” como forma de nos sentirmos distintos, únicos, singulares. O futebol – com suas conquistas e o suposto “estilo dionisíaco”<sup>21</sup> – seria um representante exemplar do Brasil para o mundo.

No entanto, suspeitamos que a tendência da globalização da cultura em curso, que teve nos esportes um veículo de encontro, de apropriações entre os diferentes estados-nações, estaria transformando a identidade nacional sintetizada como narrativa homogênea na “pátria de chuteiras”.

O jogador que veste a camisa nacional também representa clubes da Europa, além de empresas multinacionais. As marcas empresariais estão amalgamadas com o fenômeno esportivo. Kaká, por exemplo, pode ser ídolo de brasileiros, mas também de italianos e espanhóis. As camisas e produtos associados a ele são vendidos em todas as partes do mundo. A televisão transmite em tempo real um jogo do Real Madrid para todos os

<sup>21</sup> Para discussão a respeito do estilo de jogo do futebol brasileiro, ver Soares e Lovisolo (2003).

continentes. Esse processo de desterritorialização do ídolo e do futebol cria novo processo de identidade cultural. Na medida em que se coloca a ênfase do futebol como produto a ser consumido em mercado de entretenimento cada vez mais diversificado, sem projeto que o articule a tais instâncias mais inclusivas, o que se consegue é esgarçar cada vez mais o vínculo estabelecido antes, com Freyre e Filho.

Então questionamos: se o futebol esteve longamente associado à identidade brasileira, o que acontece quando a pós-modernidade enfatiza a pulverização das identidades? Se esse esporte foi mecanismo integrador, o que acontece quando, em tese, não há mais o que integrar? Como o futebol poderá ser representado na sociedade se o importante não for mais juntar (negros com brancos, interior com capital, moderno com arcaico), mas separar (grupos étnicos, grupos religiosos, cidades com regionalismos particulares, bairros dentro de cidades, condomínios dentro de bairros, shoppings dentro de condomínios)? Sucumbirá o futebol na pós-modernidade, deixando patente que pertenceu, de fato, à modernidade, e em certa medida ajudou a construir essa modernidade no Brasil? Ou sobreviverá, anunciando que a pós-modernidade jamais poderá ser completa, pois necessitamos viver sob o signo da nacionalidade, como se “todo o Brasil desse a mão em um só coração”?

Estas questões – elaboradas com o intuito de “provocar” a reflexão social sobre o futebol no Brasil – são “boas para pensar” e podem nos ajudar a entender o processo e o significado da construção do “país do futebol”, bem como o esmaecimento do epíteto em momentos históricos distintos.

Em suma, nós, do grupo de pesquisa Esporte e Cultura, nos propomos a refletir sobre como o futebol foi elemento primordial na história recente do país, em sua transição de sociedade rural para moderna sociedade urbana, e como seu papel já não é o mesmo daqueles tempos. Com efeito, assistimos atualmente ao declínio do interesse pela Seleção. Certamente, o torcedor de Copa do Mundo ainda conserva seu “nacionalismo quadrienal”, atrelado à Seleção, mas a “pátria de chuteiras” perdeu muito da sua carga simbólica. Este é o ponto que

merece ser investigado. E, por isso, resta observar como os brasileiros se articularão em torno desse simbolismo diante de dois eventos emblemáticos, como a Copa do Mundo de 2014, organizada no país, e as Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro. Seremos testemunhas do resgate simbólico do nacionalismo exacerbado ou a espetacularização dos eventos nos moldes do capitalismo do século XXI diluirá a identificação nacional?<sup>22</sup> Outra questão “boa para pensar”.

### **Conclusões provisórias**

O campo acadêmico em torno dos estudos sobre o futebol já está consolidado. Os diversos estudos a respeito do tema demonstram a fertilidade do fenômeno e comprovam sua possibilidade de ser abordado por múltiplos ângulos de análise. Vivemos um momento único nessa trajetória, com a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, ambos os eventos a serem sediados pelo país. As análises de questões envolvendo a equação “futebol-nação” (e/ou “esporte-nação”), ídolos/heróis globalizados e/ou locais, midiaticização do espetáculo, esporte e redes sociais na internet etc., terão momento privilegiado de investigação. Nunca o esporte de massa foi tão importante como objeto de estudo, como meio para entender a cultura e/ou as relações entre elas, ou como fim em si mesmo, para adquirirmos mais conhecimento sobre esse universo.

Observamos com satisfação que o tema envolvendo “comunicação e esporte” cresce vertiginosamente. No segundo semestre de 2010 tivemos o prazer de editar um número especial da revista *Logos*, da FCS/Uerj, que tratava de dossiê temático sob o título “Comunicação e Esporte”. No momento, muito nos honra contribuir para este número da revista *Comunicação, Mídia e Consumo*, da ESPM – reconhecidamente uma das mais prestigiosas da área da Comunicação – que também tem como te-

<sup>22</sup> Para aprofundamento maior dessas questões, ver Helal (2010), Helal, Cabo e Silva (2009) e Gordon e Helal (2002).

ma “Comunicação e Esporte”. Buscamos neste artigo apresentar, ainda que resumidamente, e, por conseguinte, com inevitável arbitrariedade, a trajetória pela qual passou o campo relativo aos estudos sociológicos sobre o futebol – com ênfase nas questões comunicacionais –, abordando, em linhas gerais, as principais questões e debates.

A trajetória do campo se inicia paradoxalmente com a crítica à escassez de estudos sobre fenômeno tão abrangente no país, e se consolida com a proliferação de trabalhos e vários grupos e núcleos de estudos.<sup>23</sup> Passando pela perspectiva que denominamos de “apocalíptica”, pelo entendimento do esporte como “drama” da vida social, pela discussão em torno do livro de Mário Filho, até os recentes estudos sobre o esmaecimento da equação “futebol-nação”, o caminho para a formação do campo produziu trabalhos emblemáticos, fundamentais para o entendimento de vários fenômenos oriundos do universo esportivo. O campo segue bastante dinâmico e produtivo, o que é demonstração da sua força e amplitude, ainda que, conforme afirmação de Gastaldo (2010), “a organização política dos/as pesquisadores/as dessa área ainda revela traços de incipiência típicos de um campo em formação”. Falando especificamente da comunicação, talvez estejamos mesmo carentes de maior organização institucional a que se refere Gastaldo. Não obstante, estamos otimistas de que caminhamos neste sentido. O grupo de pesquisa “Comunicação e Esporte”, da Intercom, atualmente sob a coordenação de Márcio de Oliveira Guerra, por exemplo, pode ser visto como local profícuo para começarmos a suprir a carência.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Cabe citar aqui o Nupescee – Núcleo de Pesquisa Comunicação, Esporte e Cultura – da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (<http://www.uff.br/nupescec>), o Nepess – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade, da Universidade Federal Fluminense (<http://www.historia.uff.br/nepess>), o Nesf - Núcleo de Estudos e Pesquisas de Sociologia do Futebol da Universidade Federal de Pernambuco (<http://nesfutebol.blogspot.com>), além do nosso “Esporte e Cultura” (<http://comunicacaoesporte.wordpress.com>), mencionado no artigo, entre outros.

<sup>24</sup> Ver a compilação de alguns textos do grupo em Marques (2007) e em Marques, Carvalho e Camargo (2005)

## Referências

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1980.
- ANTUNES, F. *Com brasileiro, não há quem possa – Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Unesp, 2004.
- Araújo, R. B. de *Os gênios da pelota*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1980. (Dissertação de mestrado).
- BIRD, E. S. e DARDENNE, R. W. Mito, registro e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’*. Lisboa: Vega, 1999.
- CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- DAMATTA, R. (org). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DAMO, A. *Futebol e identidade social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, Anpocs, 2007.
- DORFMAN, A. e MATTELART, A. *Para ler o Pato Donald: comunicação em massa e colonialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964. (ver também a quarta edição publicada pela Mauad, em 2003).
- FLORENZANO, J. P. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: EDUC - Editora PUC-SP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora, 1998.
- FLORES, L. F. B. N. Na zona do agrião: algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, R. (org). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- FREYRE, G. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987 (25ª edição).
- HOLANDA, B. B. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

- GASTADO, É. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- \_\_\_\_\_. Estudos sociais do esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. *Revista Logos* 33, Rio de Janeiro: Uerj, 2010.
- \_\_\_\_\_. Futebol, mídia e interações sociais entre torcedores no Brasil: um estudo etnográfico. *Razón y Palabra*, México, v. 69, 2009.
- \_\_\_\_\_. Os campeões do século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. In: GASTALDO, É. e GUEDES, S. (orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*, Niterói: Intertexto, 2006A.
- \_\_\_\_\_. A pátria na 'imprensa de chuteiras': futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, É. e GUEDES, S. (orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*, Niterói: Intertexto, 2006B.
- \_\_\_\_\_. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares. *Horizontes Antropológicos*, vol.11, número 24, Porto Alegre, Unisinos, 2005.
- GASTALDO, É. e GUEDES, S. (orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*, Niterói: Intertexto, 2006.
- GORDON, C. e HELAL, R. The crisis of brazilian football: perspectives for the twenty-first century. In: J. MANGAN, J.A. e DACOSTA, L. (orgs.), *Sport in Latin American society: past and present*, Londres: Frank Cass Publishers, 2002.
- GUEDES, S. L. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977. (Dissertação de Mestrado).
- \_\_\_\_\_. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, R. (org). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.
- HELAL, R. As novas fronteiras do país do futebol. *Pesquisa Rio/Faperj*, volume 1, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HELAL, R.; LOVISOLO, H. e SOARES, A. J. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011 (no prelo).
- HELAL, R.; SOARES, A. e LOVISOLO, H. *A Invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001 (2ª reimpressão em 2007).



- HELAL, R. e GORDON, C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. *Estudos Históricos* 23, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- \_\_\_\_\_. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES A. J. e LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HELAL, R. e SOARES, A. J. G. O declínio da pátria de chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: PEREIRA, M., GOMES, R. e FIGUEIREDO, V. *Comunicação, Representação e Práticas Sociais*. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2004.
- HELAL, R. e VIEIRA, J. P. Mário Filho, Jornalismo e romance: um estudo de caso. In: CAMPOS, F. (org.) *Futebol: objeto das ciências humanas*. São Paulo, Editora Larousse, 2011 (no prelo)..
- HELAL, R., CABO, A. e SILVA, C. Pra frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. *Esporte e Sociedade*, ano 5, número 13, 2009.
- HOLANDA, B. B. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- KLINTOWITZ, J. A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de futebol – 1978. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- LEITE L., J. S. *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. São Paulo, *Revista USP*. n. 22, 1994.
- LEVER, J. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.
- LOVISOLO, H. Sociologia do esporte: viradas argumentativas. *Anais do XXVI Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu, 2002.
- \_\_\_\_\_. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R.; SOARES A. J. e LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- MARIANI, B. S. C. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou de como o discurso jornalístico constrói memória. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, Pontes, 2003.
- MARQUES, J. C. (org.) *Comunicação e esporte – diálogos possíveis*. São Paulo: Artcolor, 2007.
- MARQUES, J. C.; CARVALHO, S. e CAMARGO, V. R. T. (orgs.) *Comunicação e esporte – tendências*. Santa Maria: Pallotti, 2005.

- MELLO, V. A. *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- MARX, K. e ENGELS, F. *O Manifesto Comunista – 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1998.
- MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. (orgs.) *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.
- MURAD, M. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- ORLANDI E P. (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 2003.
- PERDIGÃO, P. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PRONI, M. W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 2000.
- PROPP, W. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- RAMOS, R. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- RODRIGUES, J. C. O rei e o rito. In: RODRIGUES, J. C. *Ensaio em antropologia do poder*. Rio de Janeiro, Terra e Nova, 1992. O artigo foi publicado originalmente na *Revista Comum*, Rio de Janeiro, FACHA, 1978.
- ROSENFELD, A. O futebol no Brasil. *Revista Argumento*, ano 1, número 4, Paz e Terra, 1974.
- SANTOS, J. R. Na CBD até o papagaio bate continência. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- SANTOS, J. R. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SOARES, A. J. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Futebol, malandragem e identidade*. Vitória: SPDC/Ufes, 1994.
- \_\_\_\_\_. História e a invenção de tradições no campo de futebol. *Estudos Históricos* 23. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- \_\_\_\_\_. História e a invenção de tradições no campo de futebol. In: HELAL, R.;

- SOARES, A. J. G. e LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- SOARES, A. J. G. e SANTORO, M. *A memória da Copa de 1970*. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2009.
- SOARES, A. J. G. e LOVISOLO, H. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.25, n.1, Campinas, Autores Associados, 2003.
- SODRÉ, M. Futebol, teatro ou televisão. In: SODRÉ, M. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TOLEDO, L. H. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
- \_\_\_\_\_. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.
- VOGEL, A. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. (org). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- \_\_\_\_\_. Classe, estamento, partido. In: WEBER, M. *Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WITTER, J. S. *O que é futebol*. São Paulo: Brasiliense, 1990.